

SOMOS MIGRANTES: O USO DAS REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO MIDIÁTICA ALTERNATIVA SOBRE A MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM RORAIMA

Somos Migrantes: El uso de las redes sociales en la producción midiática alternativa sobre la migración venezolana en Roraima.

We are Migrants: The use of social networks in alternative media production on Venezuelan immigration in Roraima

Tainá Aragão¹
Vilso Santi^{2, 3}

RESUMO

A crise venezuelana contemporânea se expande para outros países por meio da imigração. Roraima, estado brasileiro que faz fronteira com a Venezuela é um dos protagonistas desse fluxo emigratório. Frente a isso, se cria mecanismos midiáticos polarizados para dar visibilidade a esse contexto de mobilidade: por um lado a mídia tradicional-burguesa, estereotipando os personagens; por outro, tentativas alternativas no ciberespaço para contrapor a essa abordagem estigmatizante. Nesse sentido, o presente artigo pretende analisar, a partir das *mediações* de Jesús Martín-Barbero (2013), as mudanças advindas da reestruturação da produção jornalística no contexto cultural, o que implica novas modalidades de abordagens. Apontaremos a criação da plataforma Somos Migrantes no

¹ Graduanda de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal de Roraima. Integrante do projeto Somos Migrantes-UFRR. E-mail: tainacolita@hotmail.com

² Professor efetivo do curso de Comunicação Social- Jornalismo da Universidade Federal de Roraima. E-mail: vjrsanti@gmail.com.

³ Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal de Roraima. Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Av. Ene Garcez, S/N, Aeroporto, CEP: 69304-000 - Boa Vista, RR – Brasil.

âmbito da Universidade Federal de Roraima, como uma tentativa de interferir na dinâmica social, cultural, política e econômica na produção midiática alternativa.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; alternativa; cultural; imigração; Venezuela.

RESUMEN

La crisis venezolana contemporánea se expande en los otros países en medio a la inmigración. Roraima, estado brasileño que hace frontera con la Venezuela, es un de los protagonistas de lo flujo emigratorio. En frente a la inmigración, criase mecanismos midiáticos polarizados na búsqueda de visibilisar el contexto, por un lado, la mídia tradicional-burguesa, esteriotipando a los personajes. Por otro, tentativas en lo ciberespacio de combater a esa abordaje estigmatizante. En ese sentido, lo presente artículo propone analizar a partir de las mediaciones de Jesús Martín-Barbero(2013) los cambios adivindos de la reestructuración en la producción periodística en lo contexto cultural, que implica en nuevas abordajens. Apontaremos la creación de la plataforma "Somos Migrantes" en lo ambito de la Universidad Federal de Roraima, como una tentativa de aplicar dinamicas sociales, culturales, políticas e economicas en la producción midiática alternativa.

PALABRAS CLAVE: Comunicación; alternativa; cultural; inmigración; Venezuela.

ABSTRACT

The contemporary Venezuelan crisis expands in the other countries in the middle of immigration. Roraima, a Brazilian state that borders Venezuela, is one of the protagonists of the emigration flow. In front of the immigration, polarized midianic mechanisms were created in order to visibilise the context, on the one hand, the traditional-bourgeois media, stereotyping the characters. On the other, attempts in the cyberspace to combat this stigmatizing approach. In this sense, the present article proposes to analyze from the mediations of Jesús Martín-Barbero (2013) the predicted changes of the restructuring in journalistic production in the cultural context, which implies new approaches. We will support the creation of the "We are Migrants" platform in the scope of the Federal



University of Roraima, as an attempt to apply social, cultural, political and economic dynamics in alternative midi production..

KEYWORDS: Communication; alternative; cultural; immigration; Venezuela.

Recebido em: 12.11.2017. Aceito em: 17.12.2017. Publicado em: 02.01.2018.

Introduzindo as emigrações Venezuelanas para Roraima

Entendemos o deslocamento venezuelano para Roraima, como imigrações, por se tratar de um contexto plural, no que diz respeito a uma multiplicidade de atores sociais, correspondentes à regiões e até mesmo etnias diversas dentro do território bolivariano. O Fluxo que Roraima vivencia não é somente o êxodo urbano-urbano, de Caracas, capital da Venezuela para Boa Vista, capital de Roraima. Mas, se trata de uma imigração que abrange diferentes regiões da Venezuela como de Tucupita, Estado Lara, Guayana, e regiões indígenas como o Delta Amaruco, entre outros.

Por esse motivo, faz-se necessário entender a fronteira como um aspecto amplo de confluência, que compõe o território Brasileiro de ponta-a-ponta, e exige um olhar macroespacial do que significa a fronteira para um país continental, como é conhecido o Brasil.

O Brasil possui uma extensão fronteiriça de 15.719 km, que corresponde a 27% do território nacional e abriga em média 10 milhões de habitantes em 11 estados brasileiros, fazendo fronteira com 10 países da América do sul. Portanto, pode ser definido como um país de intensa troca cultural, linguística e simbólica dentro e às margens desses espaços de interação, denominados como fronteira.

Essas áreas de fronteiras nem sempre mantem relações amistosas entre si, e por inúmeros motivos são consideradas por instituições do Estado brasileiro como vulneráveis em relação à segurança e à criminalidade. Entre as problemáticas dessa relação estão o tráfico de drogas, armas e munições, o tráfico de seres humanos, a imigração irregular, o descaminho de bens e mercadorias, os crimes ambientais, contrabando de veículos, garimpo ilegal, dentre outros.

A imigração não é um fenômeno novo no mundo. Segundo o PNUD (2009,

p. 15), estima-se que aproximadamente 740 milhões de pessoas sejam migrantes internas – quase quatro vezes mais do que aquelas que se deslocaram internacionalmente. Ao mesmo tempo, o Relatório de Desenvolvimento Humano, 2009, desmitifica a ideia de que a mobilidade humana ocorre, predominantemente, nos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos.

Em nível mundial existe aproximadamente 14 milhões de refugiados fora do seu país de cidadania, os quais representam cerca de 7% dos migrantes de todo o mundo. A maioria permanece perto do país do qual se deslocou, e vive tipicamente em campos de refugiados, como o Centro de Referência aos Imigrantes (CRI) em Boa Vista.

Desde 2015 iniciou-se uma significativa imigração de venezuelanos para Boa Vista e outros estados da Amazônia brasileira, resultado, da aguda crise política e econômica que o governo bolivariano está vivenciando desde a

morte do ex-presidente Hugo Chávez, em 2012. Aumentou-se 110% os pedidos de refúgio de venezuelanos junto à polícia federal. Até novembro de 2017, registra-se 15.646 pedidos de refúgio e 2.740 residências temporárias. Estima-se que cerca de 30.000 Venezuelanos vivem no Brasil, grande parte em Roraima.

É importante, neste momento conceituar crise, e como acunhamos o conceito para posicionar a Venezuela no nosso contexto descritivo. Esse, como qualquer outro conceito complexo, tecido com outras características sociais, possuem diversas terminologias e significâncias. Nesse caso, nota-se que crise perpassa dois grandes grupos: os tipos e as causas, que variam conforme o contexto político e econômico que determinado país vivencia.

O conceito de crisis, apontado por Freixe (2002), se refere ao âmbito econômico, sendo o que mais se aproxima do que se entende por crise venezuelana. Ela define crise como “grave desequilíbrio conjuntural entre a produção e o consumo, acarretando

aviltamento dos preços e/ou da moeda, onda de falências, desemprego, etc.”

Porém, percebe-se que o conceito de crise somente acunhado em uma perspectiva econômica não abrange a totalidade de uma sociedade contemporânea em crise. No caso da Venezuela, o fator político polarizado, e a crescente onda de conservadorismo também é uma característica que aguça em muitos aspectos a crise econômica, ideologicamente, com a crescente oposição, e em termos de déficit de insumos básicos, que se devem a uma estratégia de manipulação das massas, entendida como forma de pressão para tomada de poder do grupo opositor sob o governo bolivariano.

Nesse cenário de intensa entrada de imigrantes o perfil da cidade de Boa Vista, recebeu mudanças estéticas e sociais consideráveis. Desde o final de 2015 era perceptível à ocupação dos espaços urbanos por uma grande quantidade de venezuelanos, nas principais praças da cidade com acesso à internet livre, nos sinais exercendo

atividades que visavam lucro, nos bares, grandes e pequenos comércios.

No segundo semestre de 2016 notou-se uma ocupação das ruas, agora, como morada, em decorrência da impossibilidade de pagamento do aluguel, muitas famílias estavam em situações precárias como moradores de rua. Essa ocupação das ruas, à priori, se deu no contexto da imigração indígena-venezuelana, protagonizada pelos indígenas da etnia Warao, advindos da região venezuelana Delta Amaruco.

Além de moradores de rua passaram a exercer a “mendicância” em busca da sua autonomia financeira no espaço urbano. Fato, que causou um impacto na sociedade boa-vistense, gerando preconceitos e atos xenofóbicos, mas também a cobrança de uma postura do governo Estadual e Municipal frente a esse cenário que se instalava nas principais avenidas na cidade.

Algumas ações para inibir a presença dos Warao na cidade foram realizadas sem sucesso pelo governo Estadual, como a tentativa de deportação

coletiva de cerca de 450 deles, em 09 de dezembro de 2016. Em decorrência desta tentativa de deportação, a maioria foi retirada dos espaços onde estavam concentrados em Boa Vista, em especial na Feria do Passarão – local de atividade comercial popular de produtos alimentícios – e levados para Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, sob a justificativa oficial de não possuírem a documentação necessária.

Os que voltaram para Boa Vista ainda passaram um tempo na Feira do Passarão, mas recebendo comida em um sindicato e, no final de dezembro, foram levados para o abrigo do CRI.

No Centro de Referência ao imigrante, localizado no antigo estádio de esportes do bairro Pintelândia, periferia de Boa Vista, está abrigada a maior parte dos Warao. No mês de fevereiro deste, conforme a Fraternidade Humanitária que está dando suporte no centro, o número total de abrigados era de 209 pessoas, com 143 indígenas (54 mulheres, 38 homens e 51 crianças Warao) e 66 não indígenas. Esse número

com o fechamento do primeiro semestre deste ano mais que dobrou, passando para quase 500 indígenas ao todo. Mesmo retirando as famílias indígenas das ruas, o centro continua a não oferecer condições estruturais para o acolhimento devido dos refugiados.

A trajetória dos indígenas até a chegada em Boa Vista e a sua permanência em caráter de refúgio, configura um marco histórico para o Estado, de mudanças e trocas culturais e imagéticas, por se tratar de um contexto de imigração inaugural no Brasil, e no mundo.

Conforme parecer técnico do Ministério Público Federal, para chegar ao Brasil, os Warao percorrem um longo trecho:

“Uma parte fluvial e uma parte rodoviária. Tucupita é o ponto de partida da maioria, que lá chegam por via fluvial e de lá continuam por rodovia. Há distâncias fluviais que demandam até dois dias de deslocamento para se chegar a Tucupita. A partir de Tucupita até a última cidade Venezuelana, que é Santa Elena de Uairén, levam mais um dia”.

Segundo o resumo executivo do perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana, promovido pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), com execução da Cátedra Sergio Vieira de Melo, da Universidade Federal de Roraima (CSVM-UFRR), a imigração indígena venezuelana é algo histórico e novo no mundo por se tratar de um fluxo migratório indígena que acontece num ambiente fora da transfronteira.

Historicamente, os deslocamentos indígenas transnacionais, ocorrem em um território de grupos que vivem em proximidade à fronteira. Como no caso na etnia Yanomami, ocupante de um território compreendido pela triplicifronteira Brasil-Colômbia-Venezuela. Nesse território, existe um deslocamento contínuo, ocasionado pela proximidade.

Já no caso do deslocamento indígena Warao, esse fluxo acontece além-fronteiras, pois, o território Warao está cerca de 1000 km de distância da fronteira com o Brasil, em uma região de manglé, no encontro do rio com o mar.

Fenômeno de deslocamento em massa, que está sendo estudado somente a partir da imigração venezuelana para o Brasil.

Além desse aspecto inaugural da imigração indígena-venezuelana, o resumo também aponta os principais dados sociodemográficos da imigração não-indígena. Nesse sentido, é evidenciado o grande potencial de inserção da mão-de obra migrante à sociedade e ao mercado de trabalho. Principalmente, por se tratar de uma imigração composta 72% por jovens, de 20 a 39 anos, e por conter um bom nível de escolaridade 78% com nível médio completo, e 32% com nível superior completo ou pós-graduação.

Diante desse cenário de intensa troca e ao mesmo tempo silenciamento do Estado enquanto políticas de inclusão do sujeito migrante, o papel da mídia aparece como primordial para fazer com que a população compreenda o fluxo migratório, e se posicione como cidadão diante desse fenômeno. Em contrapartida, a mídia tradicional local

insiste em publicar uma versão xenófoba e errônea sobre esse fluxo.

Desde que se iniciou o fluxo emigratório da Venezuela para Roraima, os jornais locais adotaram uma linguagem estereotipada e estigmatizante sobre o cenário de imigração, contradizendo os princípios da ética jornalística e também dos direitos humanos, que versam sobre inclusão e o uso plural de fontes.

Essas abordagens devem-se ao fato, dos principais jornais locais estarem vinculados à governos, partidos e políticos que se posicionam abertamente contra a imigração no Estado, ocasionando em manchetes nos jornais impressos vinculadas, principalmente, à criminalidade que colocam a nacionalidade como fator primordial de enfoque.

Esse enfoque, muitas vezes, sutil utilizado pela mídia, repercute negativamente na opinião pública e no imaginário social, gerando violências simbólicas, verbais e até mesmo físicas direcionados ao sujeito migrante.

Nesse cenário em que a mídia tradicional burguesa, representa a voz e idealização do empresariado, e políticos que vêm, o fluxo migratório como fator de subdesenvolvimento e atraso para o Estado. A abordagem jornalística ética, plural e com compromisso social, é abarcada dentro de um contexto midiático alternativo e contra-hegemonia, que representa no cenário nacional até os dias atuais, um segmento que resiste dentro dos paradigmas comunicacionais com a intensão de fazer valer à prática jornalística como um mecanismo de informação que visa à emancipação e inclusão de diferentes sujeitos, em busca da justiça e equidade social.

Frente à esse segmento midiático é que nasce a plataforma de mídias integradas "Somos Migrantes", iniciativa de projetos de extensão da UFRR, baseado em outros portais de mídia alternativa como Midia Ninja, Intervozes, Núcleo Piratininga de Comunicação, Repórter Brasil, e Conectas, Direitos Humanos.

O intuito do projeto é o desenvolvimento em Roraima de uma abordagem contra-discurso, que tem como nicho central a imigração, em busca de combater às opressões, xenofobia, e exclusão social, ocasionadas pela abordagem “tradicional” dada a temática. A seguir, destrincharemos melhor o conceito de comunicação alternativa e contra-hegemônica, apresentando uma perspectiva histórica no uso dessas ferramentas, bem como, apresentaremos os processos de criação da plataforma Somos Migrantes.

Mídia e Novas Abordagens

Segundo Parrarra (2006, p.7) as novas modalidades migratórias demandam, no cenário da globalização, a necessidade de reavaliação dos paradigmas para o conhecimento e o entendimento das migrações internacionais no mundo e a incorporação de novas dimensões explicativas tornam-se imprescindíveis. Questões de poder no espaço midiático

tradicional e no ciberespaço se entrecruzam com a vida offline, criando uma barreira desigual no acesso, produção, difusão e por fim, visualização. O “venezuelano” no cenário de emigração contemporânea para o Brasil, constantemente é colocado pela mídia tradicional como o “autor de crime”, causador de aumentos de prostituição, drogas, doenças e outros os estigmas tecidos pelo imaginário social. A realidade que tenta se imprimir no contexto midiático local é que, antes da chegada em maior número dos migrantes Roraima era uma sociedade, sem problemas sociais, fato, totalmente contraditório à realidade.

Além de justificar, por parte dos governos e jornais associados a estes, as falhas em serviços públicos que já aconteciam anteriormente à chegada dos venezuelanos, a imigração, também se tornou alvo dos principais canais televisivos da rede aberta, na propagação de discursos de ódio. No qual, utilizam de uma linguagem sensacionalista para conseguir grande número de ibopes

televisivos, e lucros com a adesão popular de telespectadores. Essa linguagem midiática é transposta para a sociedade, causando efeitos discriminatórios e de segregação.

No ano de 2016, ano que se contabilizou o boom da migração venezuelana, alguns periódicos passaram a denominar o fenômeno como caos “venezuelanos levam o caos a Roraima”, o Globo de 06.11.16, e os migrantes como invasores (“Fugindo da crise, venezuelanos invadem casas em Roraima”, Jornal Nacional, Edição do dia 22/10/2016). Esses exemplos, infelizmente, não são casos isolados.

Outras notícias também foram divulgadas infringindo totalmente os direitos humanos, como é caso da reportagem publicada pela Folha de Boa Vista, principal jornal impresso do Estado, com a seguinte manchete: “Populares encontram homem enforcado ao lado da rodoviária”. A notícia publicada em: 5 de agosto de 2016, direciona o ato do enforcamento ao venezuelano sem nenhum tipo de apuração, onde

igualmente há divulgação de fotos sem resguardo da identidade do sujeito. Fatos que atacam diretamente a ética da profissão.

Essas visões estereotipadas do sujeito migrante criam com o passar o tempo um acúmulo de violência. A partir do momento que inúmeras decisões em alcance global podem ser tomadas no espaço mediado por mídias de maneira geral. Principalmente, por empresas de comunicações que possuem maior alcance, criam dimensões de grande estigma e repercute no espaço receptor de maneira alastrante. Como sugere Mouffe (2003, p.14):

O que ocorre com as favelas, espaços populares e seus habitantes também é reflexo de um acúmulo histórico de processos de violência simbólica envolvendo invisibilização, estigmatização, exotização ou combinações das alternativas anteriores. Tal modalidade de violência tende a se perpetuar, agravada por problemas como o subdesenvolvimento de iniciativas de comunicação popular alternativa (voltadas para estes locais ou neles situadas), além da grande concentração dos meios de massa nas mãos de pequenos grupos e/ou famílias (...)Hoje, dois dos maiores entraves para a democratização da comunicação.

A centralidade da mídia nas democracias contemporâneas seria, ainda, evidenciada basicamente pela alteração que ela impõe ao discurso político, cada vez mais concentrado e adaptado aos meios (SARTORI, 1998); e também pelo papel de construtores da realidade social, interferindo por influência simbólica e ideológica o comportamento político dos indivíduos (BOURDIEU, 2006; THOMPSON, 2009).

Aqueles que controlam a mídia teriam, em tese, a capacidade de moldar a realidade a ser apreendida pelos receptores desses bens, principalmente aqueles que não possuem acesso ao ciberespaço. Desse modo, exercem seu poder simbólico sobre telespectadores, ouvintes e leitores.

A Relatoria Especial para Libertad de Expresión da CIDH, prevê três componentes básicos que versam sobre o que seria uma mídia democrática:

Pluralidad de voces -medidas antimonopolicas-, diversidad de las voces -medida de inclusión social-, y no discriminación -acceso en condiciones de

igualdad a los procesos de asignación de frecuencias. (LINHARES apud CIDH, 2009, p.8 apud).

Se analisarmos a mídia brasileira a fundo, notamos, que estamos longe de protagonizar uma mídia realmente democrática. Nesse sentido, intervozes (Coletivo Brasil de Comunicação Social) publicou em novembro deste ano uma pesquisa sobre Consumo de mídia no Brasil e concentração dos meios de comunicação. A partir do apoio da Media Ownership Monitor-Brasil (MOM-Brasil), foi mapeado os veículos de maior audiência – que têm maior potencial de influenciar a opinião pública – e os grupos que os controlam em nível nacional.

No estudo, a televisão ainda é o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros quando estes querem se informar, aparecendo com 63% do percentual dos hábitos dos usuários. É seguido pela Internet, com 26%, o rádio, com 7%, e o jornal com 3%. Outros meios de comunicação aparecem sendo 1% das formas usadas para se obter informação.

O resultado da pesquisa indica alerta vermelho para o Brasil. Ou seja, o sistema de mídia nacional mostra alta concentração de audiência e de propriedade, alta concentração geográfica, falta de transparência, além de interferências econômicas, políticas e religiosas.

Martin Barbero (2003), classifica a hegemonia, como um processo vivido “hecho no solo de fuerzas, sino de sentidos” (p.19). Esse posicionamento epistemológico, adotado pelo autor é as mediações, denominado Mapa noturno, onde se analisa através da institucionalidade, a tecnicidade, a ritualidade e a socialidade o ciclo comunicacional de produção, difusão, e recepção. Esse método, favorece o entendimento do jornalismo como forma simbólica que, também, articula lógicas de produção e de recepção, um processo contínuo e cíclico entre consumo, produção e assimilação.

O entrecruzamento entre jornalismo e estudos culturais é uma via possível para um tratamento diferenciado

da prática jornalística, suas rotinas e produtos. Sendo assim, o jornalismo ou a prática jornalística deixa de ser vista meramente com função informativa e/ou descritiva da realidade. “Como um sistema simbólico que ensina sobre valores, padrões, guias de uma dada cultura e, portanto, assumindo uma importância distinta na totalidade social”. (BARBERO, p.10)

Por isso, para que se promovam abordagem que tenha responsabilidade social em informar à população sobre o nicho emigratório, indígena Warao e também não-indígena, com a participação destes e de especialistas comprometidos com a educação populacional, é preciso uma ressignificação das linguagens. Ou seja, novos modos de fazer e produzir comunicação, a fim de promover uma comunicação pública e social respeitosa, anti discriminatória, plural e afirmativa, visando contrapor as versões equivocadas que se divulgam sobre esse contexto.

O espaço vertical-linear dos meios de massa coexiste de forma assimétrica

com o espaço horizontal-vertical das redes, em termos de acesso no território nacional. A possibilidade de participação política criada pelas redes sociais abre caminhos para se pensar a noção de democracia. Trazendo novos atores para o espaço democrático.

Por outro lado, o peso das grandes corporações de mídia podem ser sentidos na internet. Sobretudo, quando se pensa nos grandes portais de comunicação. Não por serem referencia de qualidade, mas por pagarem mais em publicidade e exercerem um papel de credibilidade na sociedade. Por isso, se torna cada vez mais necessário a presença de uma comunicação contra-hegemônica na atualidade, para propor outros prismas de produção, mais problematizadores e educadores.

No Brasil, esse tipo de comunicação- contra-hegemônica- se expandiu durante a ditadura militar, entre 1964 a 1985. Não é de se estranhar que o movimento comunicacional libertário tivesse ganhado força nesse período de massacre e tortura no país. Pois, todo

governo opressor e ditatorial trata de controlar os meios possíveis de manifestação que contrarie ao seu prisma ideológico.

Recentemente com as Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCI), a comunicação popular comunitária e alternativa também se reedita, ou seja, incorpora a web como uma ferramenta para o desenvolvimento de outro tipo de conteúdo:

Existe atualmente uma reorganização das forças sociais em processo de democratização que se aperfeiçoa, possibilitando mais liberdade e consequentemente diversas formas alternativas de expressão, nos anos recentes – com mais vigor no início do século XXI – ela se revigora de forma extraordinária [...] Ao mesmo tempo, se recria por meio de novos formatos digitais que o avanço tecnológico favorece (PERUZZO, 2008, p.7).

A Web, mais especificamente as redes sociais na internet, avançou na democratização dos meios de comunicação, porque possibilitou o espaço de voz para vários movimentos sociais e comunitários. Rompendo fronteiras nas visualizações, que

ultrapassam as barreiras regionais de interação, gerando um intercâmbio de experiências que fortalece, e pautam a discussão sobre a democratização da mídia no Brasil no cerne dessas iniciativas.

Diversos coletivos de comunicação contra-hegemônica, que dispõem de aparatos básicos, também se consolidaram no ciberespaço como a Mídia Ninja, Oboré, Repórter Brasil, e iniciativas comunitárias OnLaje, Alpendre, Vídeo nas Aldeias, dentre outros, fazem seu campo de experimentação e/ou estabilidade. Iniciativas que buscam problematizar o sujeito diverso marginalizado, e romper com os preconceitos e estereótipos que são coletivamente construídos pelo olhar distante do círculo comunitário.

As relações humanas ligadas pelas mídias significa um processo de contínua transformação que altera a política, a arte, a economia, o ensino-aprendizagem e toda a configuração social não conectada em rede. As mídias digitais e a liberação comercial da internet são umbilicalmente

ligadas, permitindo, muitas outras formas de relacionamento e também de solidão coletiva. Contudo, as barreiras entre conectados e desconectados continuam vigentes.

Diversidade étnica, racismo, multiculturalismo são temas que devem ser tratados de forma conjunta como efeito da distinção entre a mídia e a população receptora. Pois, a regulação da população migrante passa pela dimensão do trabalho, educação, benefícios sociais e exclusão. Geralmente com baixo status social, os migrantes passam a viver segregados em áreas residenciais de baixa renda, ou em locais ocupados.

Por isso, a mídia alternativa, se mostra como essencial para possibilitar a ampliação dos espaços de voz.

Mídia e Migração: o processo de fazimento do Somos Migrantes

Para contrapor a produção estereotipada de conteúdo, juntamente com dois projetos de extensão da Universidade Federal de Roraima, a Rede Acolher e o Geifron (Grupo

Interdisciplinar de Fronteiras), e apoio do Amazon- Observatório Cultural da Amazônia e Caribe, foi criado um grupo de trabalho sobre mídia e sensibilização. Esse grupo, composto por estudantes e professores desenvolveram uma série de estratégias para auxiliar os imigrantes nos processos de assimilação da sociedade brasileira e principalmente, no que se refere a produção midiática libertária e dialógica.

Com o grupo de mídia e sensibilização, foi articulada a criação de uma plataforma independente de mídias integradas para contrapor as versões da mídia tradicional local. O "Somos Migrantes", nome dado a plataforma, teve como foco o reconhecimento do outro e no outro, por Roraima ser um estado composto por grande fluxo migratório, o nome é o convite à memória, é um convite a se aproximar da realidade migratória local e se reconhecer na mobilidade dos venezuelanos da atualidade.

Essa plataforma, que teve seu início de formulação em maio deste ano,

foi pré-lançada no mês de outubro, como "Uma rede de solidariedade entre os povos", onde estão sendo executadas, séries fotográficas, documentários, grandes reportagens e informações sobre o refugio no Brasil para auxiliar os migrantes venezuelanos no processo de regularização da documentação.

A plataforma principal, é abarcada por um site no wix, com convergência das redes sociais: facebook, twitter, youtube e instagram. Para auxiliar na assimilação da informação por um maior público, está sendo articulada uma linguagem bilíngue entre o português e o espanhol, porém os conteúdos em sua maioria, estão em português, pois a estratégia da plataforma é justamente criar um ambiente de reconhecimento e respeito dos nativos diante dos migrantes.

Tanto para o site, quanto para as redes sociais, a narrativa em construção, busca aproximar e apresentar as problemáticas da imigração de forma aprofundada, com visões e versões de vários especialistas e principalmente com o espaço de voz do sujeito imigrante, que

pode propor novos vieses de abordagem e contrapor o que está sendo vinculado.

O site surgiu, a partir da necessidade de aglutinar as ações que estavam desfragmentadas, mesmo dentro da Universidade e nos grupos de extensão. Então o site, essencialmente, tem o objetivo de atuar em conjunto e dar suporte através mecanismos de divulgação das ações dos grupos de extensão do GEIFRON e da REDE ACOLHER, assim como grupos independentes que auxiliam os imigrantes em Roraima, como o Grupo Ação Social e Associação Casa Venezuela-BR.

Nesse sentido, trabalhamos em cinco vieses: Divulgação, Sensibilização, Apoio ao migrante, Jornalismo e Empregabilidade. O primeiro, como já descrito, aglutina as ações dos grupos e entidades de apoio ao migrante, por meio de uma agenda que é atualizada semanalmente. Na sensibilização, trabalhamos com campanhas de sensibilização voltadas à questão da xenofobia, exploração sexual e laboral.

Dando, publicidade às ferramentas já disponíveis do Poder Público, como o DISQUE 100 – Direitos Humanos, levando o denunciante direto ao sistema.

Com o Apoio ao Migrante, Disponibilizamos uma compilação de endereços de órgãos e instituições que os migrantes possam recorrer em diferentes circunstâncias. Nesse sentido, fazemos uma parceria com o Ministério Público do Trabalho, na adequação de uma cartilha sobre Direitos dos Trabalhadores estrangeiros, já em espanhol. Essa cartilha também será impressa para distribuição, e estará disponível no site até o final deste ano.

Estamos trabalhando também, na elaboração de uma segunda cartilha física e virtual com conteúdo abrangente, de entrada ao país, elaborada pelos grupos de extensão e alunos de Jornalismo Comunitário da UFRR. Nesta cartilha, estarão temas relacionados ao acesso de Documentação, Trabalho, Educação, Segurança, Abrigo, Transporte e Saúde Além dos conteúdos elaborados, utilizamos as redes sociais para

esclarecimento de dúvidas sobre os processos migratórios e informações gerais do Estado de Roraima. Uma ferramenta que nos permite manter um contato direto com os imigrantes que necessitam algum tipo de auxílio, já que a participação no imigrante no ciberespaço mantém um nível alto.

No eixo da produção jornalística, buscamos, através de uma linguagem independente, ética e plural, combater as opressões e desmitificar estereótipos que estão sendo amplamente difundidos pelas mídias tradicionais locais. Nossa sessão jornalística contém conteúdo em português e espanhol, onde publicamos, inclusive, matérias assinadas por jornalistas venezuelanos, migrantes e não migrantes, assim como artigos e pesquisas acadêmicas.

No último eixo, empregabilidade, criamos um questionário destinado aos empregadores que estejam disponibilizando vagas, dentro dos parâmetros legais de contratação, para cruzar com este banco de dados criado,

compartilhando as informações com a Associação Casa Venezuela-BR.

Conclusão

A discussão aqui proposta ultrapassa a descrição de um projeto experimental em jornalismo. Estamos criando, em caminhos difíceis -com os recentes cortes no orçamento direcionados à projetos de pesquisa, ensino e extensão- um mosaico de discussão para pensar e, ao mesmo tempo, produzir-aprendendo, uma plataforma de mídia que dê conta da complexidade do processo emigratório que o Estado de Roraima vivência. Colocando sempre os sujeitos como protagonistas nesse processo.

Outro ponto que faz refletir nesse trajeto, é a importância de conteúdos, e análises que nasçam a partir de um olhar cercano à realidade descrita. Ou seja, notamos que pensar o Brasil a partir do eixo Norte, e a partir da fronteira se mostra mais que necessário, principalmente, num momento de intensa troca fronteiriça, e construção de sentido.

Sentidos esses, que impõe às novas gerações a configuração de um povo novo- parafraseando Darcy Ribeiro-, mestiço, para além das matrizes luso e afro brasileiras. Mas, fruto da mescla de Venezuela e Brasil, uma identidade inaugural tecida sob dupla nacionalidade latino-americana, que certamente alterará em muitos aspectos, o que entendemos por Estado-nação.

Buscamos, baseados nos prismas de uma comunicação que tem em seu cerne o compromisso social de educar, dialogar e emancipar, e acima de tudo, consciente que somente por vias independentes, dialógicas, ao molde do que Paulo Freire define, é possível exercer de forma plena o exercício comunicacional, existir-resistindo aos vícios de uma sociedade mediada por uma lógica capitalista e por isso, industrial, de fazer comunicação.

Apresentamos, de forma inicial, os pilares que norteiam o projeto Somos Migrantes para que possamos discutir possíveis melhorias e considerações que possam aprimorar a plataforma.

Além disso, estamos em constante diálogo com os imigrantes e refugiados em geral, indígenas ou não-indígenas, instituições que trabalham com direitos humanos em nível nacional e internacional, em busca de melhorar cada vez mais a produção de conteúdo. Buscando assim, narrar esse acontecimento histórico para o Brasil, de forma mais responsável e problematizadora possível.

Referências

BERGER, C. **Crítica perplexa de intervenção e de denúncia: a pesquisa já foi assim na América Latina.** Intexto, Porto Alegre, v. 2, n. 6, jul.-dez.1999.

BERGER, C. **O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico.** Brazilian Journalism Research, v. 6, n. 2, 2010.

BOURDIEU, P. **Violência Simbólica.** Trad. Fernando Tomás. DIFEL: Lisboa, 2007.



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 1, Jan-Abr. 2018

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.**

17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. **Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura.** México/Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Parecer Técnico nº 208/2017. Populações indígenas; Direitos Humanos; Cidadania Indígena em Fronteiras Nacionais.**

MORAIS, Vângela. **O Jornalismo e a Comunidade Monte das Oliveiras: breve reflexão sobre práticas e percursos.** Disponível em www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0817-1.pdf Acesso em 30 jul 2016.

NAVARRO, J. Sánchez. **Narrativa audiovisual.** Barcelona: UOC press. 2006.

PERUZZO, C. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania.** Revista Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus.

_____. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008

SANTI, V. J. C. **As representações no circuito das notícias: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no jornal Zero Hora.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009



SIMÕES, G. ; CAVALCANTE L. CAMARGO,
J. **Resumo Executivo. Perfil
sociodemográfico e laboral da
imigração venezuelana no Brasil.**
Conselho Nacional de Imigração. Brasília,
DF, 2017.